Fronteiras
Revista Catarinense de História

Centenário Walter Fernando Piazza, um construtor de passados para o tempo presente

Giane Maria de Souza[1]

No ano de 2025 foi realizado o Simpósio "Um construtor de passados para o tempo presente" sobre o centenário de nascimento do Professor Doutor Walter Fernando Piazza. Neste evento, além de uma exposição sobre a sua obra, numerosos pesquisadores abordaram a trajetória profissional e intelectual do professor Walter Piazza. Nesta entrevista, a professora e doutora em História Maria de Fátima Fontes Piazza, professora aposentada da UFSC, filha do intelectual, explica diferentes aspectos da trajetória pessoal e profissional de Walter Piazza e a importância deste intelectual para a formação do campo do patrimônio no estado de Santa Catarina.

Fronteiros

Giane Maria de Souza: Do professor ao pesquisador, do agente público ao intelectual, Piazza foi antes de tudo, um cidadão do interior do Estado de Santa Catarina, de Nova Trento, no Vale do Rio Tijucas, que mudou-se para a capital em busca de sonhos e profissionalização. Como foi o processo de migração de Nova Trento para Florianópolis?

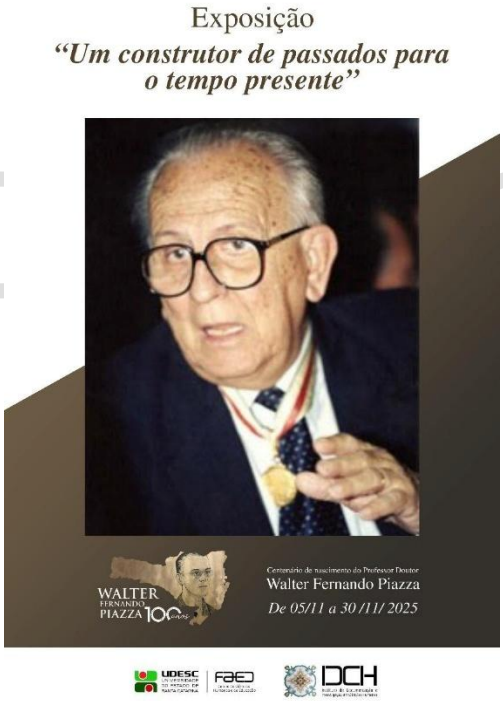
Maria de Fátima Fontes Piazza: Walter Piazza nasceu em Nova Trento, no Vale do Rio Tijucas, em 06 de novembro em 1925, portanto, a pequena cidade dispunha de poucos recursos no campo educacional, o que levou seus pais, o comerciante Romeu Boiteux Piazza e Aracy Baptista Pereira Piazza, a mandar seu filho ao Rio de Janeiro, para morar com sua avó materna, Eulália Isolina Boiteux Baptista Pereira e fazer seus estudos primários na então capital da

[1] Historiadora nº 0000277/SC. Doutora em História pela UFSC e mestre em Educação pela Unicamp. Especialista Cultural no Arquivo Histórico de Joinville no Setor de Educação, Secretaria de Cultura e Turismo de Joinville (Secult), Prefeitura Municipal de Joinville. Autora do livro *A História do Ministério da Cultura no Brasil*, editora Appris, 2024. Faz parte do GT de Patrimônio da Anpuh/SC e do Conselho Fiscal da Associação dos Arquivistas do Estado de Santa Catarina (AAESC). É sócia-fundadora do Observatório do Patrimônio Histórico-Cultural (OPAH). Brasil. E-mail: gianehist@gmail.com | https://orcid.org/0000-0002-7067-6597

ISSN 2238-9717 | n. 48, p. 363-370, ago./2026 | DOI: https://doi.org/10.36661/2238-9717.2026n48.15634
https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/FRCH/index

República e depois, o ensino secundário em Blumenau, no Colégio Santo Antônio, dos frades franciscanos menores. Posteriormente, teve uma estada em Criciúma onde serviu o exército e trabalhou nos escritórios de uma companhia carbonífera. Voltou à Nova Trento, onde elegeu-se vereador pelo Partido da União Democrática Nacional (UDN), na Câmara Municipal de Nova Trento, pela 16ª legislatura (1947-1951). Em 1948, a Câmara de Vereadores recebeu um ofício do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) comunicando a realização do I Congresso de História Catarinense em outubro daquele ano. Walter Piazza pensou em apresentar uma comunicação no referido congresso, cujo resultado deu origem ao seu livro "Nova Trento" (1950). A partir do congresso, através das pessoas que conheceu do campo intelectual e cultural, seja do Brasil ou do exterior, começou a pavimentar um caminho para morar e trabalhar em Florianópolis.

Figura 1: Cartaz da Exposição sobre o centenário de Walter Fernando Piazza



Fonte: Arquivo privado.

Giane Maria de Souza: Da História, Arqueologia, Arquivologia aos estudos folclóricos catarinenses e patrimônio, Piazza é uma referência intelectual na formação destes campos do conhecimento. O que podemos destacar da trajetória profissional e intelectual de Walter Fernando Piazza que demarca uma atuação multidisciplinar?

Maria de Fátima Fontes Piazza: A atuação multidisciplinar de Walter Piazza foi construída em mais de setenta anos de vida profissional, quer como professor e pesquisador, quer integrando sodalícios, quer participando da Comissão Catarinense de Folclore. Se analisarmos a obra dele, temos um estudo monográfico como Nova Trento, estudos etnográficos no âmbito da Comissão Catarinense de Folclore, pesquisas em sambaquis, grutas, entre outros, durante a atuação no Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), de Genealogia quando integrava a Sociedade Brasileira de Genealogia. Por força das injunções profissionais e das disciplinas que ministrou, se debruçou sobre a etnografia do Brasil, aos estudos históricos e quando criou o Curso de Especialização e de Mestrado em História, nos anos 1974/1975, se envolveu com a Paleografia e Diplomática, e com a Arquivologia. Inclusive, ministrava aulas no curso de Biblioteconomia da UFSC e no CEARQ, curso de especialização em Arquivos, criado pela Professora Eliana Maria dos Santos Baía.

Figura 2: Piazza com a equipe do Instituto de Antropologia no sambaqui de Ponta das Almas, na Lagoa da Conceição



Fonte: Acervo privado.

Giane Maria de Souza: Walter Fernando Piazza, além de tudo, foi um mediador cultural entre dois mundos e estabeleceu muitas parcerias institucionais entre o Brasil e Portugal. Destas parcerias, consolidou-se estudos e trabalhos sobretudo nos Açores e na Ilha da Madeira, que são verdadeiros clássicos da historiografia regional. Como devemos ler ou reler estes clássicos à luz dos novos conceitos sobre cultura, imigração e patrimônio no século XXI?

Maria de Fátima Fontes Piazza: Walter Piazza começou a trajetória internacional ou a mediação entre os dois mundos, em missões institucionais distintas. A primeira, na década de 1970, quando integrava o PRONAPA e trocava informações técnicas de arqueologia como a datação de peças arqueológicas, com o Smithsonian Institute, em Washington DC. A segunda, em Portugal, em 1979, quando pesquisou nos arquivos portugueses, especialmente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, documentos referentes ao Brasil. Posteriormente, participou no âmbito da UFSC do acordo de cooperação entre a universidade e o governo dos Açores, deste acordo resultou várias viagens às ilhas atlânticas, do arquipélago da Madeira e dos Açores, no último foi professor visitante e realizou uma volumosa pesquisa, que resultou na obra "A Epopeia Açórico-Madeirense" em duas edições, uma brasileira e outra, madeirense. Estes clássicos da historiografia catarinense, hoje podem ser lidos dentro de uma perspectiva documentalista, historicista. Os conceitos imigração, cultura e patrimônio foram ampliados e lidos a partir de uma história cultural, global. As ciências sociais tomaram o rumo da interdisciplinaridade, sempre dialogando com outras disciplinas, como por exemplo, o patrimônio era visto sob a perspectiva dos bens imóveis, da arquitetura de pedra e cal e não dos folguedos populares, que cabia ao folclore. Questões que foram publicizadas e discutidas no início do século XXI, com as políticas públicas do IPHAN e com a UNESCO.

Fronteiras

Figuras 3 e 4: Capas da edição brasileira e madeirense do livro de Piazza



Fonte: Arquivo privado.

Giane Maria de Souza: A história da trajetória intelectual de Walter Fernando Piazza se confunde com a história das instituições catarinenses de cultura e de educação. O historiador francês Michel Winock, em sua obra, demarca que o século XX foi o século dos intelectuais entre história de pessoas, ideias e obras, entre ideologias e engajamentos, entre jogos de poder e disputas de ideias, entre posicionamentos e posições públicas, os intelectuais criam e formatam as instituições conforme as necessidades idiossincrasias do seu tempo. Diante desta questão, qual o papel dos intelectuais e das instituições na escrita da história?

Maria de Fátima Fontes Piazza: A pergunta é fundamental para entender que o campo intelectual, especialmente o catarinense, gravitava em torno das instituições e de sodalícios, como o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, a Academia Catarinense de Letras, a Comissão Catarinense de Folclore. Além do que os dispositivos culturais do Estado se estruturaram na década de 1950 com a criação do Departamento de Cultura do Estado de Santa Catarina, sob a batuta do Professor George Agostinho Baptista da Silva e do Professor Walter Piazza. Aí reside, o ponto nodal da questão: Agostinho, português e exilado do salazarismo, foi professor da Faculdade Catarinense de Filosofia, da qual Walter Piazza foi aluno e depois, professor. O que mostra que a escrita da história ou algumas formas de pensamento da geração de Piazza foram gestadas na Faculdade Catarinense de Filosofia e algumas teses tiveram ressonâncias do Primeiro Congresso de História Catarinense e operam no século XXI.

Fronteiras

Giane Maria de Souza: Durante muitos anos, o professor Walter Fernando Piazza atuou na direção do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore (CCF). Enquanto defensor e estudioso do folclore catarinense, Piazza difundiu Santa Catarina em espaços consagrados de sociabilidades pelos folcloristas dentro e fora do Brasil. Como analisar sua trajetória e legado no campo do patrimônio a partir do movimento dos folcloristas?

Maria de Fátima Fontes Piazza: A atuação do professor Piazza no âmbito da Comissão Catarinense de Folclore e do Boletim Trimestral, têm sido estudados por mim e pela Professora Dra. Giane Maria de Souza, a partir da Hemeroteca Digital Catarinense e de alguns itens do Arquivo Pessoal de Walter Fernando Piazza, depositado no IDCH/FAED/UDESC, como a separata Missão no Uruguai, correspondências entre folclorista, entre outros. Através do Primeiro Congresso Nacional de Folclore, no Rio de Janeiro (1951), do Congresso Internacional de Folclore (1954) em São Paulo e na II Exposición del Folklore de las Américas,

em La Paloma, no Uruguai (1957), Piazza tornou-se um ativo participante das redes de sociabilidade dos estudos folclóricos, com destaque para os latino-americanos, especialmente uruguaios e argentinos. Acredito que o documentário cinematográfico que foi apresentado no Uruguai seria uma maneira de "patrimonializar" os folguedos. Entretanto, até hoje (2026), não foi encontrado este documentário.

Figura 5: Esposa de Walter Fernando Piazza às margens do Rio Uruguai acompanhando o professor nas suas pesquisas



Fonte: Arquivo privado.

Fronteiras

Figura 6: Piazza com a esposa na Fortaleza de Santo Antônio dos Ratones na Ilha de Santa Catarina



Fonte: Arquivo privado.

Giane Maria de Souza: A biblioteca e o acervo privado do professor Walter Fernando Piazza foram destinados pela família para a custódia no arquivo da Faculdade de Educação da

Universidade Estadual de Santa Catarina. Quais os desafios éticos de transformar arquivos privados em acervos públicos?

Maria de Fátima Fontes Piazza: Acho que a doação é um ato nobre e visa a abertura de um acervo privado para o público, seja de pesquisadores ou de cidadãos. Entretanto, a questão é complexa, porque todo acervo contém questões sensíveis, da vida familiar e íntima do titular. O que nos leva a pensar que cabe ao pesquisador lidar com os desafios éticos. Esta questão, tem sido pensada pela arquivologia, por exemplo, na série "Conversando com Doadores", promovida pelo Laboratório de Estudos sobre Acervos Privados e Pessoais, da UNIRIO, sob a direção dos professores Patrícia Landeira e Renato Crivelli Duarte, este assunto veio à tona no último episódio apresentado, sobre o que deixar no acervo pessoal que será custodiado por uma instituição pública?

Giane Maria de Souza: A produção intelectual de Walter Fernando Piazza é vasta, assim como foi denso o seu legado profissional, mas assim como, muitas vezes não conseguimos separar a história das instituições da história dos intelectuais, diante de muitas pesquisas, obras, trabalhos e instituições que perduram até os dias atuais. Piazza estruturou uma instituição familiar com cinco filhos numa época totalmente analógica e com uma produtividade científica incrível. Sabe-se que, em muitas pesquisas de campo, sua esposa Lourdes Maria da Silveira Piazza o acompanhou e o auxiliou, assim como seus filhos o acompanharam em muitas viagens de trabalho, inclusive nas pesquisas arqueológicas nos sambaquis de Joinville. Isto demonstra, o quão difícil para um pesquisador conciliar vida pública com vida privada. Quais as histórias familiares dos trabalhos do professor Piazza?

Maria de Fátima Fontes Piazza: Acho o assunto sobre o legado profissional de suma importância. Até hoje, não sei como ele conseguiu deixar uma vasta obra e de assuntos tão diversos, com cinco filhos para sustentar. Convém lembrar que escreveu manualmente e com máquina de datilografia, numa era analógica! Na época das pesquisas arqueológicas, aproximadamente de 1965 a 1972, ele fazia pesquisas de campo nas férias da universidade, saiam de Florianópolis com a equipe de alunos e ele ia com a esposa, Lourdes Maria da Silveira Piazza, algumas vezes levava seu filho Walter Fernando Piazza Júnior que se dava muito bem com a equipe de arqueólogos, entre eles Alroino Baltazar Eble e Sérgio Schmitz. Temos que enaltecer o papel das mulheres não como coadjuvantes, mas como protagonistas. Ao longo da

sua trajetória, a esposa, o filho e as filhas o auxiliaram, quer datilografando artigos, teses e livros, quer administrando as ausências, quer preparando o material pesquisado para apresentar na Universidade.

Figura 7: Walter Fernando Piazza Júnior e Cristina Maria da Silveira Piazza, acompanhando as pesquisas do pai em um sambaqui



Fonte: Arquivo privado.

Fronteiras

Recebido em 18/05/2026.
Aceito em 20/06/2026.